

## O papel dos efeitos sonoros no rádio: uma revisão teórica<sup>1</sup>

Emily CALDERARO<sup>2</sup>  
Mirian Redin de QUADROS<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender qual o papel dos efeitos sonoros em podcast narrativos, sendo um recorte do trabalho de conclusão de curso, atualmente sendo desenvolvido pela autora principal e cujo foco se concentra na análise do podcast Praia dos Ossos. Neste paper, apresenta-se parte das reflexões teóricas já realizadas na pesquisa acerca da conceituação e principais usos dos efeitos sonoros em produtos em áudio, desde o rádio aos podcasts. Sendo o áudio um formato imersivo por essência, a linguagem radiofônica pode ser caracterizada como um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas por sistemas expressivos das palavras, das músicas, dos efeitos sonoros e também do silêncio (BALSEBRE, 1994). Essa significação é determinada por uma série de recursos técnicos e expressivos de reprodução sonora e em um conjunto de fatores que, segundo Balsebre (1994, p. 329), “caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual do ouvinte”. A partir de Moles (1975), podemos dizer que a natureza estrutural da mensagem sonora da rádio se designa em três sistemas expressivos: a palavra, a música e o ruído, que também pode ser entendido como efeito sonoro. Mesmo que o autor não traga o silêncio nessa classificação, quando inserido no rádio, o silêncio tem como objetivo transmitir um significado importante, pois ele é um sistema expressivo não sonoro. Esses elementos, segundo Ferraretto (2014), são utilizados de diversas formas e níveis de apelo ao ouvinte, podendo ser direcionados ao intelecto, como algo mais concreto, e à sensibilidade. Ainda segundo o autor, a voz, que aparece no rádio de forma mais comum com a palavra falada, possui alto poder comunicativo e pode carregar consigo parte relevante do conteúdo da mensagem. Ainda assim, a expressividade não se restringe

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Graduanda do 8º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, e-mail: emily.calderaro@acad.ufsm.br

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, Doutora em Comunicação Midiática (Poscom/UFSM), e-mail: mirian.quadros@ufsm.br

apenas às palavras, mas também na forma que ela é emitida, ganhando força quando adjunta com outras manifestações vocais como choro, grito ou riso. Ainda que seja através da palavra que, predominantemente e tradicionalmente, o rádio expresse descritivamente as ideias e imagens que serão construídas diante da audiência, com o passar do tempo, porém, seus produtores foram descobrindo novas formas de incorporar elementos sonoros à palavra. Ferraretto (2014) relata que em 1930 iniciou-se a construção de imagens sensoriais na dramaturgia radiofônica fazendo uso de efeitos sonoros feitos, a princípio, de forma mecânica e ao vivo. Com o tempo esses processos foram substituídos por gravações e recursos eletrônicos, possibilitando inúmeras manipulações. Segundo Martínez-Costa e Díez Unzueta, as funções dos efeitos sonoros são: (1) *referencial*, *expositiva* ou *ornamental*, lembrando um som natural, que reforça ou exagera uma ação, não sendo imprescindível ao relato; (2) *programática*, pontuando as transmissões ao serem usados; (3) *descritiva ambiental*, sendo construído um cenário e permitindo a localização dos objetos e dos personagens; (4) *narrativa*, que representa as transições de tempo e espaço; e (5) *expressiva*, que indica os estados de ânimo (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005 apud FERRARETTO, 2014). É dessa forma que esses elementos compõem mensagens e histórias. A partir disso, percebeu-se que os sons (ruídos ou efeitos) possuem a capacidade de “personificar materialmente o espaço físico no qual se desenrolam situações e ações visualizadas acusticamente pelos ouvintes” (ESCH; BIANCO, 1998, p. 72). Assim, o poder de sugestão visual e da capacidade de localização espaço-temporal dessas produções foram estendidos. De acordo com José e Sergl (2015), o efeito sonoro põe-se entre o evento musical e o ruído, afinal o som corta o silêncio enquanto articulação vibrante, interferindo sobre o que está sendo ouvido. Além disso, há uma desordem na marcação rítmica, que ocupa um tempo com certa constância. Dessa forma, efeitos sonoros podem funcionar como um elemento de contato, podendo ser qualidades sonoras eletrônicas que funcionam prendendo a audição e preparando para a escuta, qualidades de sentimentos de algum personagem ou de algum contexto, ou pontos sonoros. Isso indica que algumas partículas de transição do texto oral podem indicar passagem de tempo e/ou de espaço. (JOSÉ; SERGL, 2015). De acordo com Murray Schafer (apud JOSÉ; SERGL, 2015) a paisagem sonoro-musical é formada por ruído, som, timbre, amplitude, melodia e texturas que se deparam em cone de tensões, instalando-se em um horizonte acústico. Além disso, uma composição

musical pode ser considerada, segundo o autor, como uma viagem de ida e volta através desse cone de tensões, onde cada peça de música é uma paisagem sonora e pode ser elaborada no espaço acústico tridimensional. (SCHAFER, 1991 apud, JOSÉ; SERGL, 2015). Essa paisagem sonora pode ser explicada como um agrupamento sonoplástico onde os elementos que fazem parte dessa sonoridade são selecionados e relacionados a fim de compor um ambiente acústico para a palavra falada, dessa forma, muitas vezes a descrição compõe um ambiente para o personagem desenvolver uma ação. Esses recursos da sonoridade, trilhas e/ou efeitos sonoros são escolhidos para compor um fundo sonoro em que o texto verbal-oral será localizado (JOSÉ; SERGL, 2015). Segundo Sperber (1980 apud ESCH; BIANCO, 1998) e Kaplun (1978 apud ESCH; BIANCO, 1998) ruídos e efeitos podem incorporar o objeto que emite tais sons, materializando e dando prova a existência de um objeto. Além disso, eles também podem sinalizar determinado espaço, permitindo que quem ouve possa fazer associações. Os ruídos, assim como a música, sugerem uma atmosfera emocional de determinada situação ou personagem e podem ter ainda uma função narrativa, servir como uma forma de conexão entre uma cena e outra e serem até mesmo apenas ornamentais. Para mais, independente do papel que esses efeitos sonoros desempenham, quando associados a palavras, eles têm o poder de criar no imaginário a imagem do acontecimento através da ilusão que o rádio produz. (ESCH; BIANCO, 1998). Portanto, efeitos sonoros não apenas desempenham funções em uma trama, mas também a complementam dando sentido à palavra, podendo provocar sensações. Segundo Leonardo de Sá (1991 apud ESCH; BIANCO, 1998), o som é uma sensação decorrente da percepção do aparelho auditivo e das ondas provocadas por objetos em movimento vibratório, desta forma, não é possível a sensação sonora se não existir também um instrumento orgânico que transforme essa vibração em uma imagem mental. Portanto, as expressões sonoras sucedem quando as imagens sonoras vivenciadas passam a compor um conjunto de possibilidades que transitam pelo nosso imaginário e pela cultura em que estamos inseridos (ESCH; BIANCO, 1998). Esses recursos expressivos fundamentam o sentido simbólico, estético e conotativo da linguagem radiofônica. Desta forma é necessário que o profissional lidando com essa mídia sonora saiba harmonizar de forma criativa e equilibrada a dialética forma/conteúdo, previsibilidade/originalidade e informação semântica/informação estética (BALSEBRE,

1994). Para o autor, essa audição radiofônica é um programa informativo que pode causar emoção estética e reutilizar a linguagem radiofônica como um autêntico instrumento de comunicação e expressão. É desta forma que as técnicas da fala, da música, do ritmo narrativo e até do próprio silêncio são formas de influenciar diretamente o poder de atração, nas composições estéticas do rádio e na forma como é transmitido seu conteúdo. “Estas técnicas presentes de formas diversas e exploradas de maneiras criativas ambientam o ouvinte na estética desenvolvida pelo rádio ao longo de todos estes anos.” (PADILHA, 2020, p.4).

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio; efeitos sonoros, revisão bibliográfica.

## REFERÊNCIAS

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madri, Cátedra, 1994.

ESCH, Carlos; BIANCO, Nélia. **Quem destrói o mundo é o cenário acústico do rádio**. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis:

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo, Summus Editorial, 2014. Insular, 1998. p. 69-77

JOSÉ, Carmen Lucia; SERGL, J. M. **Voz e roteiros radiofônicos**. São Paulo: Paulus, p. 45, 2015.

MOLES, A. **Teoria da Informação e Percepção Estética**. Brasília: Universidade de Brasília, 1978.

PADILHA, Luis David Falcão. **As características sonoras do Podcast O Assunto frente à estética radiofônica**, In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, XLIII, 2020. Anais... Intercom, 2020. p. 1-15